

Diante do corpo ferido do outro, uma exigência à ética do cuidado

André Herculano Samalambo ¹

Resumo: Diante do corpo ferido do outro, surge uma exigência à ética do cuidado. Nosso ponto de partida é a tradição sinóptica, na qual o homem Jesus se deixa afetar por vários corpos marcados de inumeráveis feridas sejam psicológicas ou físicas. A parábola do bom samaritano, é o exemplo paradigmático de Jesus que se dizia afetar e cura o homem ferido (cf. Lc 10, 29-37). Em segundo lugar, gostaríamos de apresentar o testemunho de um ginecologista congolês, Dr. Denis Mukwege, apelidado de “*l’homme qui repare les femmes*”, traduzido significa: o homem que repara as mulheres. Dr. Mukwege atendeu mais de 30 mil mulheres vítimas de abuso sexual em conflitos na República Democrática do Congo. Este é um exemplo vivo de alguém que se deixa afetar por situações gritantes que acontecem no corpo de mulheres. Em terceiro lugar, queremos, a partir destas duas figuras, Jesus Cristo e Dr. Mukwege, pensar uma ética do cuidado diante de outros corpos feridos que se nos apresentam. No fundo, a pergunta fundamental é: como me afetar diante do corpo ferido do outro? Como, a partir de minha experiência de se sentir tocado pelo corpo ferido do outro agir para cuidá-lo?

Palavras-chave: Corpo; Violência; Cuidado; Ética.

INTRODUÇÃO

Nosso ponto de partida é a tradição sinóptica, na qual o homem Jesus se deixa afetar por vários corpos marcados de inumeráveis feridas sejam psicológicas ou físicas. Na maior parte dos casos, ele não se importa de transgredir o sábado para curar um corpo ferido e gritante. Vários são os exemplos nos Evangelhos². Assim, no seu encontro com o leproso, Jesus toca o seu corpo e o purifica (cf. Mc 1, 40-45); Jesus cura o homem paralítico, lhe possibilitando andar e tomar o seu caminho (cf. Mc 2, 1-12); ele coloca o homem de mão atrofiada no centro de sua ação e cura-o (cf. Mc 3, 1-6); a mulher que sofria de fluxo de sangue, há doze anos, ao tocar o corpo de Jesus, sentiu que o seu corpo estava sendo curado (cf. Mc 5, 25-32); pela imposição das mãos, Jesus cura vários doentes atingidos por diversos males (cf. Lc 4, 40-41). Diante de corpos esfomeados, Jesus sente compaixão e dá de comer (cf. Mt 14, 13-21); diante da morte de seu amigo Lázaro, Jesus conturba-se, vendo sua irmã Maria chorando, e ressuscita-o (cf. Jo 11, 27-44); Jesus se comove diante da morte do filho único da viúva de Naim (cf. 7, 11-17); Jesus endireita a mulher que tinha o corpo encurvado (cf. Lc 13, 10-17). A parábola do bom samaritano, é o exemplo paradigmático de Jesus que se deixa afetar e cura o homem ferido (cf. 10, 29-37).

Em segundo lugar, gostaríamos de apresentar o testemunho de um ginecologista congolês, Dr. Denis Mukwege, apelidado de “*l’homme qui repare les femmes*”, traduzido significa: o Homem que repara as mulheres. Tendo recebido o prêmio Nobel da paz,

1 Graduação em Filosofia pela Faculté de Philosophie Saint Pierre Canisius, República Democrática do Congo. Graduando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. E-mail: andreherculano143@gmail.com

2 Cf. *Bíblia de Jerusalém*, 2016.

Dr. Mukwege atendeu mais de 30 mil mulheres vítimas de abuso sexual em conflitos na República Democrática do Congo. Ele montou um hospital com mais de 300 leitos, além de um sistema para financiar as mulheres a recomeçarem suas vidas. Chegou a sofrer um atentado, mas decidiu continuar a luta contra a violência sexual³.

O trabalho de Mukwege é um exemplo vivo de alguém que se deixa afetar por situações gritantes que acontecem no corpo de mulheres. De fato, ele repara as mulheres que, muitas vezes, se apresentam com o aparelho genital todo destruído. Não só a reparação física, ele dá apoio moral-psicológico.

Em terceiro lugar, queremos, a partir da ação de Jesus Cristo e Dr. Mukwege, refletir sobre a ética do cuidado diante de outros corpos feridos que se nos apresentam. No fundo, a pergunta fundamental é: como se deixar afetar diante do corpo ferido do outro? Como, a partir dessa experiência, agir para cuidá-lo?

1 A ÉTICA DO CUIDADO: DAS MINHAS FERIDAS CORPORAIS AO CUIDADO DAS FERIDAS CORPORAIS DOS OUTROS, UM CHAMADO PROFÉTICO

Toda forma de experiência de injustiça, exclusão, discriminação ou qualquer forma de violência são experiências que causam dor e marcam a memória do nosso corpo. Por isso, mulheres violadas ou estupradas ficam marcadas pelo resto de suas vidas. Pessoas que foram discriminadas seja pela cor da pele, seja pela religião, seja pela região onde nasceram, carregam uma marca em seus corpos pelo resto da vida. Pessoas que foram violentadas carregam em seus corpos marcas que as lembrarão sempre de sua experiência dolorosa. Ademais, uma família que viu um de seus membros ser assassinado, levará em seu corpo esta marca por resto de sua vida.

Todo corpo marcado por alguma dessas experiências desenvolverá algum tipo de sentimento: pode ser de revolta, de medo, de perdão, de vingança, de compaixão, de misericórdia, de desconfiança. De fato, a liberdade será colocada a optar por um ou vários sentimentos. A história testemunhou a coragem de várias pessoas que, depois de vivenciarem experiências dramáticas, decidiram, com aquilo que lhes fizeram, superar a Lei de Talião: “olho por olho e dente por dente” (Ex 21,24), a fim de quebrar a espiral do ódio e da violência.

Mahatma Gandhi lutou pela independência da Índia contra os ingleses, que exploravam e maltratavam o seu povo, foi um líder pacifista indiano, cujas armas eram a não violência e a desobediência civil, ou seja, estimulava o não pagamento dos impostos e o boicote aos produtos ingleses. Martin Luther King, tendo vivido na pele a experiência da segregação racial, inspirou-se na não violência e na desobediência civil de Mahatma Gandhi. *Na mesma*

3 Reportagem retirada do site G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/05/nobel-da-paz-um-chocante-relato-de-denis-mukwege-medico-que-venceu-premio-por-luta-contra-estupros-em-guerras.ghtml>>. Acesso em 5 jul. 2019.

linha, Nelson Mandela, que em 1994 tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul, governou o país até 1999, sendo responsável pelo fim do regime segregacionista no país e também pela reconciliação de grupos internos. Com apenas 25 anos, por causa de sua fé yazidi, Nadie Murad sofreu meses de torturas e estupros nas mãos de extremistas do Estado Islâmico. Tendo sobrevivido, tornou-se porta-voz da minoria yazidi. A jovem iraquiana foi agraciada com este prêmio Nobel, junto com o médico congolês Denis Mukwege, por seus esforços para pôr fim ao uso da violência sexual como arma de guerra.

As experiências dramáticas dessas figuras históricas tornou-se fonte de luta contra as causas da violência e a lógica da espiral do ódio. Longe de se revoltarem e reproduzirem o ciclo da violência, elas deixaram-se afetar por suas feridas e pelas dos seus contemporâneos e tornaram-se profetas, isto é, denunciaram o mal reinante por meio de uma outra lógica. Não uma lógica que reproduz a violência sob uma outra forma, mas mediante uma lógica que quebra a espiral da violência. Nesta perspectivas, elas estavam anunciando alternativa, quer dizer, uma boa nova para os corpos feridos e um convite “metanaiónica” aos opressores. De fato, a meta visada era o bem comum destruindo toda causa humana e estrutural da violência.

Esses homens e mulheres partiram de suas próprias feridas, deixaram-se afetar pelas feridas de outros corpos e tornaram-se vozes dos sem vozes. Há, portanto uma dimensão ética do cuidado, cujo sujeito não procura reproduzir o mal que lhe causaram, mas denuncia o mal e suas causas e anuncia alternativas que, simultaneamente, quebra a espiral da violência e restabelece os laços entre opressor e oprimido.

2 O CHAMADO PROFÉTICO, PRÁXIS DA ÉTICA DO CUIDADO

Toda experiência dolorida vai exigir uma ação da pessoa sofrida. Pode ser uma ação de revolta, vingança, perdão, medo, misericórdia. Nossa contribuição é que esta ação seja ética que cuide de suas próprias feridas e, em seguida, cuide das feridas dos outros. Cuidar das próprias feridas corporais é permitir-se vivenciar uma experiência de libertação dos efeitos nocivos que aquele mal pode causar no próprio corpo. A espiritualidade, a terapia e outras práticas, por exemplo, são lugares de libertação das consequências negativas causadas no corpo. São lugares em que a pessoa faz a experiência de ser recriada e tornar-se numa nova criatura.

Depois desse momento de libertação, em que a pessoa passa a ter um novo olhar sobre suas próprias feridas, não que elas desapareçam, ela é convidada a uma missão profética, isto é, denunciar e anunciar. Ela deve denunciar as causas humanas e estruturais de todo tipo de violência. Denunciar não significa necessariamente empregar a violência. Mas denunciar usando a pedagogia da não violência, porque o objetivo é a eliminação da espiral da violência. Ao mesmo tempo que se denuncia, anuncia-se uma alternativa, uma transição, isto é, uma transformação de uma situação injusta, violenta em uma situação justa, reconciliadora.

O profeta recebe a missão de ser a voz dos sem vozes, ou seja, ele torna-se o porta-voz de todos aqueles que ainda sofrem qualquer forma de violência para que se evite a reprodução do ciclo da violência. No fundo trata-se de fazer um movimento contrário aos impulsos negativos. Podemos aprender a pagar o mal com o bem e não o mal com o mal, isto é, superar a lei de *Talião*, para não reproduzir o ciclo da violência e a espiral do ódio.

O chamado profético, como práxis da ética do cuidado, é motivado, na sua essência, pelo “princípio misericórdia”⁴. É este princípio que rege toda ação ética diante do corpo ferido do outro. Com efeito, Deus, ao libertar o povo da escravidão, no Egito, é misericordioso porque tem um coração que se deixa afetar pela miséria do povo sofredor. Por isso, Ele age por misericórdia (cf. Ex. 3,7s). Jesus é “o início da absoluta autocomunicação de Deus chegada a seu termo, aquele início que assinala a autocomunicação destinada a todos”⁵. Ele agiu sempre com a misericórdia, inclusive, em suas curas e atos de milagres. Nesse sentido, mostra Sobrino:

é esta misericórdia que, ao mesmo tempo, explica e se expressa nos milagres de Jesus, e que o define em aspectos bem fundamentais. Jesus aparece como quem se sente profundamente comovido pela dor alheia, reage diante dela salvificamente e faz dessa reação algo primeiro e último, critério de toda a sua prática. Na dor alheia Jesus vê algo de último ao que só se pode reagir adequadamente com ultimidade. É importante lembrar que o verbo com que se descreve a atitude de Jesus nas passagens citadas é *splagchnizomai*, proveniente do substantivo *splaghnnon*, que significa ventre, entranhas, coração, símbolos da realidade última do ser humano. A realidade da dor externa é o que penetra no mais profundo de Jesus e por isso reage com ultimidade desde o mais profundo de si mesmo⁶.

Jesus, ao mesmo tempo que é a autocomunicação de Deus, igualmente é reposta à pergunta da identidade do ser humano por excelência. Se nos perguntarmos quem é o ser humano, a história de Jesus é a resposta mais eloquente. Em outros termos, o evento Jesus não se restringe meramente a uma dimensão teológica, mas sobretudo a uma resposta antropológica, pois que, Ele é o Logos de Deus-feito-carne, quer dizer, o Filho unigênito de Deus (cf. Jo 1,18) e o “primogênito de toda a criação” (Cl 1,15). Portanto, Ele é o ser humano em quem aprendemos a ser mais humano. Nesse sentido, a liberdade de Jesus torna-se o protótipo de toda liberdade humana. Trata-se, com efeito, de uma liberdade misericordiosa, cuja tarefa é realizar atos de misericórdia.

Toda ação humana deve estar motivada e animada pela misericórdia à maneira de Jesus. Esta misericórdia é que vai permitir ao ser humano deixar-se afetar pela ferida do corpo do outro e salvá-lo. Falemos mais sobre o “princípio misericórdia” que Sobrino desenvolve.

4 SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, 1994, p. 31.

5 RAHNER, *Curso fundamental da fé*, 1989, p. 233.

6 SOBRINO, *Jesus, o libertador*, 1996, p. 140.

3 O “PRINCÍPIO MISERICÓRDIA”, MOTIVAÇÃO À PRÁXIS DA ÉTICA DO CUIDADO

De entrada, Sobrino esclarece o termo misericórdia, a fim de evitar qualquer forma de redução suscetível de empobrecer esse termo. Ele escreve o seguinte:

o termo “misericórdia” deve ser bem entendido, porque pode conotar coisas verdadeiras e boas, mas também coisas insuficientes e até perigosas: sentimento de compaixão (com o perigo de não ser acompanhado de uma práxis), “obras de misericórdia” (com o perigo de não se analisarem as causas do sofrimento), alívio de necessidades individuais (com o perigo de abandonar a transformação das estruturas), atitudes paternais (com o perigo do paternalismo)⁷.

Esse esclarecimento ajuda a apreender a riqueza e a exigência do termo ‘misericórdia’, que, ao mesmo tempo, fica superada toda compreensão piedosa sem compromisso ético. A misericórdia exige uma ação ético-salvífica diante do corpo ferido do outro. É uma compaixão que se exprime por uma práxis. Essa práxis é profética, porque analisa as causas do sofrimento e transforma as estruturas que atualizam e reproduzem a espiral do sofrimento.

Sobrino, ao explicitar o ‘princípio misericórdia’ segundo Jesus, apresenta a parábola do bom samaritano que, na sua opinião, configura a vida e a missão de Jesus, inclusive, o seu destino. Essa parábola, além de revelar a forma da misericórdia, define, de fato, o ser humano cabal. A este respeito, Sobrino vai dizer que:

o ser humano cabal é, portanto, aquele que interioriza em suas entranhas o sofrimento alheio – no caso da parábola, o sofrimento injustamente infligido – de tal modo que esse sofrimento interiorizado se torna parte dele e se converte em princípio interno, primeiro e último, de sua atuação. A misericórdia – como re-ação – torna-se a ação fundamental do homem cabal. Portanto, esta misericórdia não é uma entre outras muitas realidades humanas, mas a que define diretamente o ser humano... Ser um ser humano é, para Jesus, reagir com misericórdia; do contrário, fica viciada na raiz a essência do humano, como aconteceu com o sacerdote e o levita, que “passaram adiante”⁸.

Temos, portanto, uma concepção antropológica que se compreende a partir da misericórdia e dela se define. Isto é importante para a nossa pesquisa da ética do cuidado. Se o ser humano cabal é definido em função da misericórdia, fica claro que a misericórdia é o caminho mais certo para a humanização. Entretanto, só se pode chegar a ser esse ser humano cabal mediante a prática da misericórdia. Por outro lado, é diante do sofrimento alheio que

7 SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, 1994, p. 32.

8 SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, 1994, p. 34.

se exercita melhor a misericórdia. Em consequência, reagir, diante do corpo ferido do outro, motivado pela misericórdia, é estar em tornar-se mais humano.

Diante do corpo ferido do outro, não se deve ver e passar de lado, como o sacerdote e o levita, na parábola do bom samaritano, (cf. Lc 10, 29-37); pelo contrário, deve-se ter a coragem de ver, sentir compaixão e aproximar-se para cuidar desse corpo ferido. Aproximar-se desses corpos feridos deve levar a um chamado profético, quer dizer, denunciar e anunciar, como já dissemos. Não se deixar afetar e desviar o olhar perante os corpos feridos é, de alguma forma, ser cúmplice com o mal e suas causas. Entretanto, ter a coragem de denunciar e anunciar uma boa notícia de uma nova situação é quebrar a espiral da violência e restabelecer a espiral do amor.

A ética do cuidado que propomos é esta que tem como ponto de partida as feridas que cada corpo carrega em sua memória, resultado de alguma experiência negativa ou de violência. Essa experiência transforma-se em lugar de metanoia, cuja ação ética supera o ciclo da violência. A práxis da ética do cuidado toma a forma do chamado profético, que não se conforma com a situação de injustiça, de violência e deseja que a situação de injustiça se transforme em situação de justiça, de paz para todos. Aqui, vale a pena recordar a regra de ouro de Jesus: “tudo, pois, quanto quereis que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles...” (Mt 7,12).

Nossas feridas corporais não devem ser lugares de reprodução do ciclo da violência, pelo contrário, devem me lavar a cuidar das feridas dos outros e superar a espiral da violência. O meu sofrimento pode ser lugar de inspiração para pensar em alternativas que superem a espiral da violência e faça brotar uma nova lógica, a do amor.

Para se deixar tocar e afetar pelas feridas do corpo do outro exige, a priori, aceitar as próprias fragilidades, as próprias feridas pessoais. Aceitar as nossas feridas para, num segundo momento, nos tornar ativistas e lutar contra todas as realidades que causam feridas nos corpos de outras pessoas. Lutar contra tudo aquilo que causa o mal é cuidar para que outras pessoas não passem pelo mesmo mal. Fazer isso, com efeito, é quebrar o ciclo da violência.

CONCLUSÃO

A guisa de conclusão, podemos dizer que, a ética do cuidado é uma ética cujo ponto de partida são as feridas corporais de cada pessoa. Essas feridas tornam-se lugares de inspiração para curar as feridas corporais dos outros e quebrar a espiral da violência. Empreender este caminho é tornar-se profeta, quer dizer, é denunciar as causas do mal e anunciar alternativas. Foi o que fizeram vários homens e mulheres que se procuram anunciar a boa notícia de uma sociedade motivada pelo amor.

Dr. Mukwege e Nadie Murad são exemplos de pessoas que responderam ao chamado profético, isto é, denunciaram as causas humanas e estruturais da violência sexual e cuidaram

dos corpos feridos de seus contemporâneos, anunciando a boa notícia da transformação de uma situação injusta em situação justa. Eles agiram com misericórdia, porque não agiram segundo a espiral do ódio, mas foram movidos pelo amor que clama a reparação e a superação do mal. Nesse sentido, a misericórdia a exemplo de Jesus Cristo torna-se a forma e a motivação para cuidar dos corpos feridos dos outros.

REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. 11ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2016.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. I. A história de Jesus e Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. Descer da Cruz os Povos Crucificados. São Paulo: Vozes, 1994.